



O Comportamento Agressivo Expresso no Estilo Tarantinesco de Cinema¹

Arthur Nonato Moraes dos SANTOS²,

Érika TURCI³,

Isadora Miglioretti BATAGIN⁴,

Isadora OLIVEIRA⁵,

Tamiris VOLCEAN⁶

Angela Maria Grossi de CARVALHO⁷

Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Bauru, SP

Resumo

Este artigo tem como objetivo estudar o enfoque da violência no cinema pós-moderno, assim como sua glamorização em diferentes abordagens, levando em consideração a busca da sociedade atual por uma representação cinematográfica estimulante e imprevista, encontrada em cenas classificadas como violentas. É demonstrada uma análise a qual traz a violência como algo físico e psicológico, sendo esta apenas superficial e momentânea como também complexa e tema de estudos relacionados a psicanálise, trabalhado e demonstrado por diversos estudiosos, assim como escritores, roteiristas e cineastas. Busca-se demonstrar, através dos filmes *Pulp Fiction* e *Cães de Aluguel*, do diretor Quentin Tarantino, algumas vertentes da violência no cinema.

Palavras-chave: violência; Tarantino; pós-moderno; psicanálise.

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Estudante de graduação do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Bauru. e-mail: arthur.nonatoms@gmail.com

³ Estudante de graduação do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Bauru. e-mail: erikaturci@gmail.com

⁴ Estudante de graduação do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Bauru. e-mail: isadora.batagin@hotmail.com

⁵ Estudante de graduação do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Bauru. e-mail: isaadeoliveiraa@hotmail.com

⁶ Estudante de graduação do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Bauru. e-mail: tamirisvolcean@gmail.com

⁷ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Bauru. e-mail: angela@carvalho.jor.br



Um termo, diversas visões: violência inserida em diferentes contextos

A violência existe em suas diversas formas, podendo atingir o indivíduo fisicamente, emocionalmente e socialmente. O sociólogo H. L. Nieburg define o termo “violência” como “uma ação direta ou indireta, destinada a limitar, ferir ou destruir pessoas e bens”. (Michaud, 1989).

A violência originou-se no conflito social, representado pela luta dos contrários, a qual pode ser percebida desde o início da sedentarização e socialização da humanidade. Uma das concepções clássicas da Sociologia atual é proposta por Karl Marx e baseia-se no conflito e na mudança. Para Marx, a exploração do trabalho de uma classe por outra é uma forma de expressão e resultado do conflito social, o qual pode ser considerado o motor dos períodos históricos da humanidade (Marx, 1985).

Além disso, saindo do âmbito sociológico, a violência também possui raízes na religião cristã e na historiografia clássica. Primeiramente, podemos citar a afirmação de Heráclito, pensador grego, a qual proclama que a guerra é a mãe de todas as coisas, ou seja, o mundo baseia-se em divergências relacionadas às forças contrárias, a partir das quais surge o novo e, como evidenciado acima pela ideologia de Marx, as mudanças.

Quanto à religião, pode-se encontrar no Antigo Testamento da Bíblia uma das primeiras vertentes do termo “violência”: o ódio, o qual é condenado pela própria religião (Idígoras, 1983).

Segundo Odalia, 1991, a violência pode ser classificada em “violência manifesta” e “violência oculta”. A primeira, assim como é evidenciado em sua denominação, é totalmente exposta ao observador dos fatos, em contrapartida, a “violência oculta” é aquela subjetiva, a qual não se mostra visível em uma análise superficial. A “violência manifesta” pode ser exemplificada pela prática criminal, a qual é definida como um ato contra os direitos humanos, dano, injúria ou erro praticados contra outro indivíduo.

Qualquer ato agressivo que apresenta como causa um comportamento violento por ser considerado um desvio social. Para Erich Goode (2007), desvio é definido como a violação da normal social, que provavelmente resultará em punição destinada ao violador. Dessa forma, durante a moldagem do indivíduo que ocorre em sua socialização primária, coloca-se como norma social a proibição de práticas agressivas



sem justificção de defesa; a partir do momento em que essa norma é desrespeitada, diz-se que o indivíduo não internalizou a conformidade social que lhe foi imposta, promovendo um desvio social, ou seja, sociologicamente, a violência é vista como prática negativa à sociedade em geral. Em diversas populações a prática da violência não é criminalizada, sendo até tolerada por fazer parte da cultura, com isso mulheres ainda convivem com agressões constantes de seus maridos, por motivos como a desobediência.

Analisando a violência sob uma ótica psicanalítica, notamos que Freud, em suas pesquisas, atrelou as causas da violência e agressividade a fatores psicanalíticos. A agressividade humana está subjetivamente ligada ao egoísmo e ciúme e deferencia-se da agressividade de outras espécies animais, a qual é pautada apenas por instinto de sobrevivência e conservação dos indivíduos (Ferrari, 2006).

Segundo Bock, Furtado e Teixeira (1995, p. 283), a violência é o uso desejado da agressividade, com fins destrutivos, podendo ser voluntário, racional e consciente ou involuntário, irracional e inconsciente,

Além disso, Fiorelli, José Osmir & Mangini, Rosana C. Ragazzoni (2009, p. 268) afirmam que a agressão apresenta-se como um mecanismo de defesa, na forma de deslocamento ou sublimação. Na impossibilidade de ver realizado seu desejo, o psiquismo reage e desloca a energia para a agressividade.

A razão desses comportamentos agressivos pode ser explicada por várias vertentes, como a influência que o indivíduo sofre do meio em que vive; as desigualdades, principalmente a econômica; e o próprio instinto humano, pois para Bock, Furtado e Teixeira (1995, p. 282) “O ser humano é agressivo”. Porém, esse comportamento ajuda na sobrevivência e na superação de obstáculos, além disso, pode ser canalizado na prática de esportes que é um modo de competir, de lutar, sem prejudicar ninguém.

O problema ocorre quando as pessoas não conseguem canalizar suas agressividades para coisas construtivas, e isso demonstra instabilidade emocional, impulsividade e baixa tolerância às frustrações. Porém existem diversos mecanismos para controlar a agressividade como a educação, as leis e, além disso, desde a infância a maioria dos indivíduos aprendeu que deve controlar a agressividade para uma convivência harmônica em sociedade.



O encontro entre o cinema e a Psicanálise

A violência, tal como definida pela Psicanálise, pode ser visualizada em grande parte dos gêneros de obras cinematográficas. O cinema pode ser classificado como um reflexo visual das teorias psicanalíticas, podendo, então, os filmes serem considerados similaridades dos sonhos. Para McGowan (2007, p.12), o filme atrai e faz o sujeito aceitar a condição ilusória que lhe é oferecida (Ceballos, 2011).

Toda a violência divulgada no cinema é reflexo do comportamento da sociedade. As produções cinematográficas retratam a violência de diversas maneiras, pelas diferentes visões de diretores que buscam autenticidade em suas obras. Vale ressaltar que o cinema reproduz o que as pessoas gostam de ver, e essa satisfação em assistir cenas violentas não é um fato recente como muitos pensam, pelo contrário, na Grécia antiga pessoas já se reuniam em praças públicas para ver mães cozinharem os seus próprios filhos. Segundo o futurista Marinetti, a violência é a linguagem fundamental do século, e esse fato é claramente notado nas produções cinematográficas que foram capazes de universalizar, banalizar, glamorizar a até mesmo naturalizar os diversos tipos de violência.

Inserindo a violência num ambiente cinematográfico, podemos afirmar que esta é retratada de diversas maneiras, as quais variam de acordo com o diretor e com o gênero do filme. Obras brasileiras, como *Tropa de Elite* (2007) e *Cidade de Deus* (2002) retratam a realidade violenta e agressiva tal como é vista no cotidiano, em contrapartida, algumas obras apresentam uma temática hiperbólica e mais afastada dos fatos cotidianos ao tratar da violência, como, por exemplo, as produções do diretor Quentin Tarantino.

Nas produções brasileiras supracitadas a violência gerada pelo tráfico de drogas em periferias e favelas é, muitas vezes, banalizada e pode ser visualizada pelos telespectadores como algo necessário para a sobrevivência naquele determinado ambiente. O que também ocorre muitas vezes nesses filmes que retratam áreas de conflitos, é a homogeneização da população que vive no local, como se nesse ambiente só existissem ladrões, traficantes e pessoas sem caráter, o que não é verdade.

Os irmãos Coen possuem produções diversas no que diz respeito aos tipos de gêneros que os diretores enquadram a violência em seus filmes. Sempre apresentando cenas violentas, já produziram desde filmes como *Ajuste Final*, o qual retrata uma



violência ligada à máfia, até enredos violentos irônicos com o objetivo de parodiar filmes policiais, como *Queime Depois de Ler*.

Neste trabalho objetiva-se analisar o tratamento dado à violência no cinema de acordo com um olhar psicanalítico e sociológico, demonstrando a reação causada por sua exposição em dois filmes do diretor Tarantino, os quais são intitulados: *Pulp Fiction* e *Cães de Aluguel*.

Quentin Tarantino (1963) pode ser considerado um diretor que não costuma seguir a ordem linear de desenvolvimento de uma trama. Em sua curta carreira de cineasta, os filmes de Tarantino ficaram marcados por falar do submundo, mesclando doses de humor, ironia e violência.

As obras escolhidas: *Pulp Fiction* e *Cães de Aluguel*

A escolha pontual destas duas obras de Tarantino deu-se pela temática violenta evidente em cada uma delas. Além disso, apesar de apresentarem divergências no conjunto de técnicas de produção, ambas as obras apresentam detalhes peculiares que as tornam ímpares no contexto violento do cinema, como, por exemplo, a fragmentação temporal dos fatos.

Tal fragmentação impede que as relações de causalidade sejam perfeitamente delineadas, fazendo com o telespectador tenha uma percepção da violência diferente da convencional. A fragmentação, típica do cinema pós-moderno, colabora para a exposição intensa da violência nas produções de Tarantino, sem a presença de uma relação de causa e consequência definida, o ato agressivo, cheio de efeitos e técnicas fotográficas apelativas e exageradas, parece ser realizado por si só, o que nos leva a realizar uma análise de cada um dos enredos.

***Cães de Aluguel* e os vários tipos de violência**

O primeiro pensamento que vem à mente quando se trata da representação de cenas violentas em produções cinematográficas é o da violência física. Seja em um ambiente de enfrentamento em uma guerra, como na dura seqüência de abertura do *Resgate do Soldado Ryan* (Saving Private Ryan, E.U.A., 1998), seja em uma luta entre rivais, em uma briga generalizada, em uma troca de tiros entre criminosos e a polícia.



Representações perturbadoramente realísticas de coisas que nunca são agradáveis de assistir, mas que servem muito bem ao componente visual do cinema, uma vez que essas cenas trazem uma carga dramática com muito mais rapidez do que um longo diálogo.

Por conta dessa preferência pelo o que é visualmente chocante para quem está assistindo, outros tipos de violência acabam sendo subutilizados, de maneira geral, quando se trata de mostrar a inflexão de dor sobre um personagem. Expressões tão violentas quanto à encenação de uma surra, como toda carga de brutalidade que vem com uma cena de tortura psicológica ou mesmo a aspereza de um discurso que diminua a moral de um indivíduo, acabam não sendo tão utilizadas, pois não “enchem” a tela do cinema e são mais complicadas de serem entendidas por um espectador descompromissado.

Essa preferência contemporânea pela violência, como maneira de chamar a atenção de quem está assistindo, é analisada por Néstor Del Campo Domenéch, em seu livro “*Violencia y Cine: analisis de La puesta em escena de La violencia*”:

“(...) A exibição dos efeitos visuais que choquem, para o gozo do espectador se converteu a um principio regulador da estrutura dos novos filmes. Como se sucedera em suas origens, há de se recordar que o cinema foi uma atração para multidões, o seu objetivo é a fascinar o olhar, cativar com a gravidade de uma imagem, como na TV, no videoclipe, ou na propaganda é preciso seduzir. (...)” (Domenéch, 2007).

O público médio em geral não está habituado a ver exemplos de violência psicológica ou verbal nos filmes, o que causa um espanto e certo tipo de comoção quando um bom roteirista e um bom diretor conseguem passar peso e veracidade a uma cena dessas. Analisando rapidamente a polêmica recente em torno do filme *A Hora Mais Escura* (*Zero Dark Thirty*, E.U.A., 2012), vemos que o foco das reações do público e mídia são as, muito bem encenadas, cenas de tortura psicológica e não as, não menos brutais, cenas de violência física. Outro bom exemplo da boa representação de outro tipo de violência é a icônica cena de *Nascido Para Matar* (*Full Metal Jacket*, E.U.A., 1987), no qual o personagem interpretado por Lee Ermey “espanca” com palavras um dos seus soldados utilizando um discurso áspero e caluniador. Esses dois casos apresentados mostram que, quando bem feitas, essas representações criam marcas na memória do espectador.



Mesmo em seu primeiro longa-metragem, o diretor e roteirista Quentin Tarantino, já queria se mostrar de alguma forma diferente ao mesmo tempo em que deixa clara a influência de outros grandes cineastas como Stanley Kubric, e mostra o que viria a ser sua marca registrada, a violência em todas as suas formas e de uma maneira glamourizada. *Cães de Aluguel* (Reservoir Dogs, E.U.A., 1992) tem na brutalidade uma marca muito forte, o filme é do início ao fim, agressivo de muitas maneiras diferentes. A violência representada vai além das brigas e do sangue, ela perpassa grande parte dos diálogos do filme e também pode ser reconhecida no aspecto psicológico em algumas cenas, como as que envolvem a desconfiança entre os comparsas.

A história do filme retrata um grupo de criminosos contratados para realizar um roubo de uma carga de diamantes. Eles não se tratam pelos nomes, mas sim por codinomes baseados em cores, e também não tinham relações pessoais anteriores a esse trabalho. Porém, após o roubo dar errado e ter ferido gravemente o personagem vivido por Tim Roth, eles descobrem que há um policial infiltrado entre eles que teria entregado o plano às autoridades. Quase a totalidade do filme é passada no galpão que serviu de quartel-general da quadrilha e pra onde Mr. White (Harvey Keitel) leva o baleado Mr. Orange (Tim Roth) esperando que o grupo se reencontrasse e descobrisse quem era o traidor.

A primeira cena do filme é uma conversa amigável entre os companheiros em um restaurante, o assunto parece fútil - uma explicação mirabolante sobre o sentido de *Like a Virgin* - mas um olhar mais atento à forma como um fala com o outro revela naquele instante a presença de um tipo sutil animosidade. As falas de cada personagem naquele instante estão repletas de palavrões e xingamentos dirigidos ferinamente aos outros participantes da conversa. Esse tipo de aspereza é leve se comparada com o restante da película, mas é sintomática no que diz respeito à representação de algo além dos ataques físicos. Nessa seqüência o espectador é introduzido à violência verbal que será recorrente no filme, que conta com uma infinidade de diálogos gritados entre os personagens – que dão um sentido de peso dramático e tensão raivosa – e com muitos palavrões, inclusive um desses é utilizado 272 vezes no filme.

Para justificar o extermínio violento utilizado pelos tiras, Tarantino retira a humanidade dessa categoria de indivíduos. Tal retirada permite, além de uma abordagem extremamente violenta, uma reflexão acerca do maniqueísmo presente em



filmes policiais, nos quais os atos violentos praticados pelos tiras são sempre justificados como medida de defesa, enquanto a violência gerada pelos bandidos não apresenta justificativa evidente. Tarantino conduz o espectador a questionar quem “merece” ou não ser morto em suas produções.

Logicamente, o que posteriormente viria a ser um tipo de assinatura para Tarantino, a presença constante do sangue, é mostrado também no início da produção. A cena em si se passa dentro do carro utilizado na fuga do roubo que leva o todo ensangüentado personagem de Tim Roth ao galpão. O detalhe que ultrapassa a enorme quantidade de sangue que parece ter saído do ferimento é que o veículo tem o interior inteiro com um tecido branco. O contraste do vermelho vivo com o branco faz com que, quem estiver assistindo perceba de maneira muito mais evidente o sangue e a gravidade da cena. Dessa maneira o diretor consegue colocar, em contato com o espectador, a assimilação do ideal de violência física brutal com a o sangue que é mostrado em cena. O diretor e roteirista do filme também expressa um cuidado especial em cenas que apresentam situações mais extremas de violência. Os detalhes que envolvem a seqüência em que o policial capturado por um dos bandidos é torturado são um exemplo desse cuidado especial. Além de aparecerem no quadro principal apenas a vítima e o torturador, personagem que é estabelecido com algum tipo de psicopatia, no início do processo de tortura a música que toca no fundo da cena é animada e alegre, diferentemente do que é freqüentemente usado nesses casos, onde a música é pesada e grave. A escolha desse fundo musical só aumenta a dramaticidade e o choque que a seqüência causa sobre o espectador.

O diretor consegue provocar, além de um sentimento dramático, seqüências inesperadas de risos nos telespectadores durante cenas extremamente violentas a fim de aliviar o pavor. O riso no lugar errado é provocador.

Colocar na tela grande todas essas representações de diferentes abordagens da violência leva ao espectador comum à conhecer algo fora do usual para as produções cinematográficas. Essa quebra de paradigma, apesar de pouco recorrente, é benéfica –se bem executada- tanto para quem produz, quanto para quem consome cinema.

Pulp Fiction e a violência em prol da continuidade.

Existe certo padrão no uso de cenas violentas nas produções cinematográficas que pode ser observado com muito mais clareza a partir dos anos 80 e que perdura até os dias de hoje. Esta constante é a presença de cenas que envolvem situações violentas apenas para causar choque, espanto ou colocar no filme algo que prenda a platéia em detrimento da sua importância para a continuidade da história contada.

No livro “*Violencia y Cine*”, Nestor Del Campo Domenéch relata, em uma breve análise, essa padronização prejudicial e como isso, ao invés de criar tensão surte o efeito contrario e banaliza o ato violento nos filmes:

“La violencia parece ser el único objetivo de estas películas en las que se sustituye la historia de relaciones entre personajes por la acción descontrolada de un justiciero, o de un psicópata que acaba produciendo una carnicería. De este modo, frente al cine de género en el que la violencia se vinculaba a una experiencia, definida normalmente por un enfrentamiento (el duelo en los westerns, el combate en las películas de boxeo, El tiroteo en los filmes negros, etc.) en el cine contemporáneo la violencia ya no remite a una experiencia, es indeterminada y esta permanentemente presente, por lo que es difícil de localizar ha dejado de ser perceptible.” (Doménech, 2007).

Com a clara intenção de mudar algumas estruturas e mostrar que a violência pode sim ser utilizada, no cinema, de uma maneira que não pareça desconexa e que traga algo de relevante para o desenrolar da trama, o diretor e roteirista Quentin Tarantino coloca em *Pulp fiction – Tempos de Violência*, seu segundo longa-metragem, uma trama com histórias interdependentes e não lineares, assim como tira muito da violência explícita que existe em *Cães de Aluguel*, seu primeiro longa como diretor, utilizando-a pontualmente durante a duração do filme.

O primeiro ato do filme, "Vincent Vega e a esposa de Marcellus Wallace", tem como personagens principais os dois gangsters vividos por John Travolta e Samuel L. Jackson, além deles é necessário o destaque para a personagem interpretada por Uma Thurman. A história trata da noite em que o chefe de Vincent “Vic” Vega (Travolta), Marcellus Wallace (Vigh Rames) pede ao seu “parceiro de negócios” como prefere dizer, que entretenha a sua esposa enquanto ele está viajando. Com o desenrolar da sequência as coisas acabam tomando um rumo inesperado para Vic que se vê em uma situação complicada.



Mas o ponto realmente importante para esta análise é cena em que o personagem os personagens de Travolta e Jackson são apresentados. Os personagens estão a caminho de mais um trabalho que foi oferecido a eles, mas como a seqüência se inicia com uma conversa banal entre os dois personagens o expectador só percebe que eles se dirigem à uma futura cena do crime quando os dois pegam suas armas no porta-malas do carro. Essa conversa banal se estende até a hora marcada para a realização do trabalho. Tudo isso é utilizado para mostrar a quem assiste a naturalidade com que eles encaram toda essa situação.

Os personagens já estão tão acostumados com o nível de violência retratado posteriormente na cena que acabam tratando tudo como uma encenação, onde eles parecem se divertir em assustar suas vítimas. Com muito mais destaque, o personagem de Samuel L. Jackson passa a impressão nessa seqüência que está sempre no controle da situação, sentindo algum gosto em assustar os outros personagens presentes em cena.

O segundo ato, “O Relógio de Ouro”, envolve mais diretamente o mafioso Marcellus Wallace e apresenta o boxeador Butch, vivido por Bruce Willis. O personagem do pugilista está prestes a se aposentar e aceita uma quantia em dinheiro para perder uma luta, a qual ele vence e foge com o dinheiro. Durante a fuga ele descobre que sua esposa se esqueceu do relógio de outro que está em sua família a gerações, o que a força a voltar ao seu apartamento e no caminho encontrar Marcellus. Depois de uma briga os dois são feitos reféns e torturados, mas o personagem de Willis consegue escapar e salvar o mafioso que concede o perdão ao pugilista e o deixa fugir.

O ponto principal desse ato é o uso de uma seqüência extremamente violenta, onde o personagem de Willis apanha dos seus captores, consegue se soltar e depois se vinga deles, com a ajuda de uma espada, e interrompe a tortura do mafioso. Esta cena mostra como a violência ali colocada não é despropositada, tudo que acontece leva a resolução do problema do personagem de Willis. Esta também é uma das primeiras vezes que o diretor mostra grandes quantidades de sangue em cena, o que parece incomum, mas que só reforça o caráter comedido que ele coloca nas cenas violentas do filme.

O terceiro ato, que envolve “A Situação Bonnie” e o epílogo “O Restaurante”, retorna aos personagens de Samuel L. Jackson e John Travolta, que agora tem que lidar com duas situações complicadas e que acabam sendo, de alguma forma, tragicômicas, como lidar com um corpo ou resolver um assalto em um restaurante. O que deve ser



destacado neste momento é uma das últimas seqüências do filme em que o personagem de L. Jackson combate a violência dos assaltantes com mais violência, ao render o personagem de Tim Roth e negociar com ele sua desistência do assalto com uma arma apontada para seu rosto.

Apesar do sub-título do filme indicar um possível excesso de violência no filme, o que se percebe é um tipo diferente de representação. Ao invés de investir em seqüência que apelam para marcas visuais, o diretor prefere deixar muitos momentos agressivos implícitos, mostrando que o aspecto visual, apesar de importante no cinema, não é a única maneira de imprimir gravidade em um filme.

Considerações finais

Segundo Antonin Artaud (1994), o cinema tem acima de tudo a virtude de um veneno inofensivo e direto, uma injeção subcutânea de morfina, cujo efeito inicial é a satisfação de todos os impulsos e desejos, um orgasmo tóxico. É por esse motivo que o modo como a violência é retratada pelos cinemas causa preocupação, à medida que pode desencadear comportamentos agressivos. De tanto as pessoas presenciarem cenas de violências, elas podem interpretar a violência como algo tolerável e até mesmo natural.

Inúmeros casos ocorridos podem comprovar a vulnerabilidade do ser humano perante a ficção cinematográfica, buscando trazer para a vida real o que deveria ser apenas uma interpretação dramática da realidade.

Crianças são ainda mais influenciáveis, pois ainda não possuem capacidade para discernir a ficção da realidade, estando ainda numa fase de formação intelectual. Sendo assim, são comuns as crianças que confundem uma cena de filme e, por não terem consciência formada de certo e errado, buscam reproduzir as cenas assistidas, existindo uma grande tendência a danos na personalidade do cidadão, o que pode gerar tragédias para si e para outros.

Pode-se concluir que é tênue a linha entre ficção e realidade, cinema e cotidiano. Levando este fato em consideração, mesmo pela carência da sociedade por sensações emocionantes, a responsabilidade perante as consequências das cenas produzidas e reproduzidas no cinema e na realidade, cabe não só aos que reproduzem a arte em suas vidas, como também ao artista que a produziu.



Referências Bibliográficas

ARTAUD, A. **El cine**. Buenos Aires: Alianza Editorial, 1994.

BOCK, A.B; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T.; **Psicologias**. 8ª ed., São Paulo: Saraiva, 1995.

CEBALLOS, S.P.C.; **Mal-estar, violencia e cinema: Um olhar psicanalítico**. São Lourenço: Revista Memento, v.2, n. 1, 2011.

DOMENÉCH, N.C. **Violência y cine: analisis de La puesta em escena de La violencia**. Valencia: Ponce Ferrer, 2007.

FERRARI, I. F. **Agressividade e violência**. Rio de Janeiro. Psicologia Clínica, v.18, n.2, p.49 – 62, 2006.

FIORELLI, J.O.; MANGINI, R.C.R. **Psicologia Jurídica**. 1ª ed., São Paulo: Atlas: 2009.

GOODE, E. **The Blackwell encyclopedia of sociology**. Malden/Oxford/Victoria: Blackwell Publishing, 2007.

IDÍGORAS, J. L. **Vocabulário Teológico para a América Latina**. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

MARX, K. **Formações Econômicas Pré-Capitalistas**. 4ª ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

MCGOWAN, T.; KUNKLE, S. **Introduction: Lacanian Psychoanalysis in Film Theory**. New York: Other Press, 2004.

MICHAUD, Y. **A Violência**. São Paulo: Ática, 1989.

ODALIA, N. **O Que é a Violência**. 6. ed., São Paulo: Brasiliense, 1991.

